

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

A tristeza pública é a mais bela de todas as pompas fúnebres, — e as exibições pomposas dum cortejo lutozoso interessam mais à vaidade de quem sobrevive, do que à memória daquele que, infelizmente, deixou de existir...

Há precisamente dez anos que se verificou, abruptamente, o angustioso decesso de **Clemente Dias Pereira**, na sua *Casa da Devêsa*, da freguesia de Guardizela, — e a melhor e mais enternecedora **pompa** do respectivo, decente e triste saímento, sintetizou-se na **Dôr**, amargurada e profunda, duma população que, — invadida pela mais afectiva *saudade*, verteu lágrimas e se sentiu enlutada, como se também pertencesse à família do querido e ilustre extinto!

Nunca se viu — por aqueles sítios e sôb este aspecto — funeral mais grandioso, nem cortejo de tanta *saudade*, tão tristemente celebrado e tão fartamente concorrido. Nunca ali se observou, *post mortem*, lutuosa apoteose tão dolorida e tão espontânea: — foi a gloriosa consagração — por parte duma freguesia inteira — à memória perdurável de quem, em vida, foi sempre um cidadão benquista e benemerente!

Durante o tempo da sua residência em Braga, a sua carreira comercial e a sua conduta política, foram impolutas, a ninguém lesando nunca, e, antes, obtemperando sempre às alheias necessidades, — promovendo também, num meio de retrógrado misticismo e de processos jesuíticos e absolutamente constrangedores, a mais acalorada e *temerária* propaganda republicana, havendo redigido, com brilho e extraordinária *coragem*, um jornal semanal que, ao mesmo tempo inseria a opulenta colaboração dos mais distintos caudilhos da *Liberdade*.

Homem dotado duma invulgar inteligência, e dispondo duma apreciável cultura, que os livros e a experiência lhe grangearam, era invencível na discussão, colocando sempre os seus interlocutores em posições insustentáveis, não se tendo visto jámais na crítica necessidade de ceder *terreno* aos seus adversários em ideias e em opiniões.

Dispondo duma *verbe* tão amena como esmagadora, impunha-se à opinião alheia com a facilidade dominante dum oráculo e com a leve alacridade dum emérito cavaqueador que nos distrai e prende!

Republicano histórico, serviu com brio, galhardia e carinhoso amor, — ao lado de Simões d'Almeida, de Bento d'Oliveira, de Miguel da Sola, de Manuel Es-

## Clemente Dias Pereira

(No 10.º aniversário da sua morte)

teves e de tantos outros arautos duma gratíssima ideia, ainda a realizar, — vários cargos de confiança e de responsabilidade, sendo sempre o seu glorioso proceder, de molde a captar os mais rasgados e espontâneos elogios.

Da sua temerosa envergadura política já *Campos Lima*, então ainda estudante do Licen de Braga, escrevia na imprensa:

“... *Clemente Dias Pereira é um homem d'antes quebrar que torcer. Fazem falta homens da sua tempera neste meio sorna onde o jesuitismo é um dógma católico, — e eu aprecio enlevadamente os seus escritos que são d'escacha e parecem ser feitos com uma racha — tal é a sua contundência demolidora e iconoclasta!*...”

Intransigente e absorto nas suas ideias de *Liberdade* e de apaixonado republicanismo, era terrível e indomável na propaganda insistente e combativa da sua fé patriótica, fé ardorosa, sã e insofismavelmente nobre, — fidalgamente precursora duma sonhada *redenção* que, alfim, êle gratamente pôde vêr surgir na queia aurifulgente e esplendorosa manhã de **Cinco de Outubro** de 1910.

Um REI pusilâmne e precocemente correcto, forçado a atirar o scetro ao chão, não teve nem coragem nem sequazes que o ajudassem a levantá-lo!!!...

Clemente Dias Pereira, republicano até à mais íntima fibra do seu sêr, exultou com a formidável hecatombe, e surgiu à bela realidade do seu encantado sonho de tantos anos!!!...

Estreitando os laços da sociedade, começou a beneficiar todos



os cidadãos que ao seu solícito e valioso préstimo acorriam...

Nem a munificência da sua bolsa se esgotava para com os necessitados, nem a presença de quaisquer imprevistos obstáculos o faziam nunca trepidar, observando prodígios em toda a casta de protecção para com o seu semelhante, amigos ou indiferentes: — a todos era guia e protector, como cidadãos republicanos que êle atraía e doutrina!...

Era um *patriota* por instinto, e a sua maior glória e brio eram

missionar o povo com o bem que praticava e com o seu galante exemplo, que seduzia e arrastava a multidão à **República**.

De entre as suas realizadas beneficências não vale destacar nenhuma. Ele era modestíssimo em vida e eu não quero, agora, também ofender-lhe, *in morte*, a sagrada e humilde compostura que outrora foi glorioso nimbo à sua simpática personalidade que era moralmente perfeita, e nela compunha e investia a célica e milagrosa atitude dum *santo*.

Era assim que lhe chamavam em Guardizela e arredores...

Os seus serviços e a glória das suas benemerências residem na inapagável memória de todos, porque rara é a pessoa da sua região que não experimentasse e não pozesse à prova os elevados quilates do acendrado *cívismo*, que também os seus distintos colegas da Câmara de Guimarães, nêle tanto se habituaram a admirar!

A **morte**, porém, veio roubar-nos êste cidadão prestante; sem embargo, foi também ela a **ponte d'ouro** que conduziu o ilustre morto ao pórtico sumptuoso da mais gloriosa e imorredora **posteridade**!!

As flores imarcessíveis da saudade e as lágrimas copiosas duma pungente dôr, entreteceram-lhe a mais significativa e triste

coroa que enfeitou a sua urna lutuosa e sagrada.

E, se é extremamente doloroso, — e causador da desgraça de nós todos — vermos desaparecer um amigo e amado protector na mais pujante **estação** do seu merecimento, fazendo assim quebrar-se para sempre uma farta cornucópia de benefícios, de que socialmente todos nós lhe eramos devedores, lamentável e angustioso é, também, que uma esposa querida e que amantísimos filhos ficassem privados do mais honesto e carinhoso dos Pais, cuja voz, em família, foi sempre a mélica nota do mais caricioso e mavioso conselho.

Como marido foi o honesto e aprasível apaixonado amante de sua esposa, dispensando-lhe uma salutar autoridade de protecção e de **amor**, fazendo-a boa a ela e fazendo-o bom ela a êle; —

Como Pai, foi para seus filhos um mistério de amor e de ternura seguindo sempre os ditames da boa moral e, sendo êle tão bom e virtuoso, foi para êles uma segunda providência, dando-lhes uma bênção tão paternal e tão amiga que foi ela a deliciosa precursora da ventura que actualmente envolve, e sempre envolverá, êsses ditosos filhos; —

E, como cidadão, foi persistente e tão perfeita a sua acção para com os semelhantes, que, *no aperfeiçoamento e bem estar que quiz inculcar-lhe*, me faz lembrar a água corrente que aliza as mais duras e tóscas pedras, à força de as lavar. Foram todos êsses laços que prenderam a minha alma à de **Clemente Dias Pereira**, e eu tenho infinita pena de ser um seu irmão espiritual tão modesto no *Círculo Esotérico e na Comunhão do Pensamento*...

Permita-me a Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Raquel Dias Pereira, “sepulcro vivo de seu marido morto”, esta homenagem modesta, mas sincera que eu quiz prestar ao ilustre morto; e que o meu camarada na imprensa, Alcindo Dias Pereira, — filho que tão nobremente tem honrado a memória de seu Pai — me releve a desataviada mesquinhez dêstes despreziosos períodos, para, somente, se dignar atender às boas intenções de quem, tão grata e tão apressadamente os escreveu, — devendo levar-me em linha de conta o meu profundo e doloroso desânimo, que extingue todas as minhas físicas e intelectuais energias, nesta descarável e tristíssima vida que há tanto tempo é para mim... uma tão mofina e prolongada morte!!

Lordelo, 16 4-929.

COSTA GUIMARÃES.

## O P O V O

Como o vento que rugo, formidável,  
Arremessando o átomo impalpável  
A uma distância enorme,  
Assim pode, cobrando alento novo,  
Despertar do seu sono o grande povo,  
Esse leão que dorme.

Respeitai-lhe o dormir, grandes da terra!  
Sabeis o que êsse triste sono encerra  
De vis humilhações?  
Sabeis o que êsse pobre tem sofrido,  
E quantas vezes tem ao seu erguido  
A voz das maldições?

Oh! que não o sabeis! O vosso olhar  
Nunca pôde os abismos penetrar  
Daquela horrível dôr;  
Vêdes o mundo em prisma aurifulgente...  
P'ra vós, tudo é formoso e atraente,  
Um sonho encantador!

Ele vive sôsinho, espesinhado,  
Não tendo sobre a terra o doce agrado  
Dum meigo coração;  
Em vez da mão bendita que o afague  
Dizeis-lhe, manejando o azorrague:  
— «Levanta-te, vilão!»

Cautela, que o sofrer tem seu limite!  
Não se pode dizer que não palpite  
A alma popular;  
E se ela se levanta furiosa,  
E' a terrível onda impetuosa  
Dum revoltoso mar!

O povo é grande e bom! Vós bem sabeis  
Quanto a dourada purpura dos reis  
O tem menosprezado;  
Prestando à liberdade um culto ardente,  
Ele derrama sempre nobremente  
O sangue imaculado!

E o sangue do povo é sempre igual  
Ao que dizem azul, nobre e real  
Os grandes cortezáos;  
Somos todos a argila, a vil matéria,  
E' debaixo da lápide funérea  
Não somos mais que irmãos!

A fidalguia existe no talento  
E na honra, o brilhante sentimento  
Dos grandes corações;  
Tudo o mais é mentira e falsidade...  
Faça-se a luz imensa da verdade,  
Não queremos distinções!

JOAQUIM DOS ANJOS.

Fala quem sabe

Como um padre argentino apreciava as mentiras do catolicismo

Não somos nós que o dizemos. E' um padre que fala. E não inventamos. Traduzimos dos jornais de Buenos Aires. Tendo resolvido abandonar a vida eclesiástica, Frei Elias de los Praderos enviou aos jornais da capital argentina a seguinte curiosa e nobre declaração:

"Convencido do erro em que vivi durante os melhores anos de uma vida inutilizada pelas práticas de um ministério que hoje repugna à minha consciência de homem livre, resolvi retirar-me definitivamente do sacerdócio.

Ao deixar de ser, por minha própria vontade, ministro da Igreja, julgo cumprir um sagrado dever, tornando público os motivos que me levam a adoptar uma resolução que é irrevogável.

Reconheço que há um Deus; porém, entre a divindade e o homem encontra-se o padre, com o único fim de ridicularisar o primeiro e de explorar o segundo. O Evangelho, tal qual o pregaram os discípulos de Cristo, é uma obra admirável; mas a teologia encerra uma doutrina diametralmente oposta ao Evangelho, e os seus dogmas absurdos são interpretados por sacerdotes que, conhecendo as máximas do filho de Deus, se entregam a um luxo indigno da humanidade cristã. A moral eclesiástica tem por base a hipocrisia; a liturgia é uma infame comédia. A dominação da sociedade civil pelo Silabus, que é a negação de toda a liberdade individual, e pela confissão, que é a força mais iníqua e a arma mais terrível que torna o padre depositário da honra das famílias, é uma dominação que precisa de ser abolida em beneficio da dignidade humana.

Tudo em vós — ó padres! — é mentira e hipocrisia; explorais em proveito próprio a credulidade das multidões; e acumulais os bens deste mundo, oferecendo aos incautos a felicidade no outro. Só vejo em vós — ó ministros filhos do erro! — a avareza e o luxo indecente e nos conventos uma imoralidade sem limites, que revolta as consciências. Em vista do exposto, renuncio ao meu ministério e, ao abjurar os meus erros, quero dedicar-me ao trabalho honrado e recuperar pelo exemplo o tempo que perdi a ocupar-me duma religião que é a negação mais audaz e funesta da liberdade humana.

Esta riquíssima prosa não necessita de comentários. Há atitudes que dizem tudo. E esta fala mais alto e mais claro do que todas as nossas palavras juntas.

De "O Povo."

De «A Montanha» do Porto.

Dr. Nuno Simões

E agora?! E agora?!

O Dr. Nuno Simões acaba de ser despronunciado, por unanimidade, pelo Tribunal da Relação.

Isto é, injustamente, como acaba de o decretar esse alto Tribunal, um homem de posição social, deputado, ministro, jornalista de valor, porque varios odios o cercavam, foi vexado, foi obrigado a gastar energia, tempo, dinheiro, para ter como compensação unica, como indemnisação por tudo aquilo que passou e sofreu, um atestado de bom comportamento.

E' pouco, mas já é alguma coisa, sobretudo quando o enxovalhado tem — como no caso presente — a força moral e a força da propria consciencia, para se sentir relativamente desagravado, no campo juridico, chamemos-lhe assim.

Ha, porem, neste caso do dr. Nuno Simões uma faceta que é interessante examinar.

Antes da Justiça ter falado, antes de se ter pronunciado definitivamente, insultou se o suposto arguido e fez-se tudo para crear um ambiente propicio a forçar o parecer dos julgadores. O que, na 1.ª instancia, colheu junto do respectivo delegado que, mercê dos que se não poderam vender, quiz alijar responsabilidades próprias, relegando para a instancia superior a solução do caso.

Ora, insultar, acusar, ameaçar, fazer o que se fez — e que infelizmente não é exemplo unico — tem o nome de *chantage*, e tem no Código Penal que nos rege as sanções taxativas.

Porque, atacar um homem sobre quem a Justiça tem de pronunciar-se e que está sob a sua alçada, revela uma miseria moral só comparável à do bandido que acobertado, nos espera em plena estrada de trabuco aperrado.

Esses trabucos estão na posse de quem se serve da Imprensa para derrubar reputações e para se querer sobrepôr à instituição que tem o dever e o direito de derimir responsabilidades.

A miseravel campanha contra o dr. Nuno Simões acaba de receber a recompensa merecida — o latego da despronuncia.

Resta que pague o que deve áquele a quem tudo quiz roubar — a reputação e a honra.

De «A Montanha» do Porto.

Exposição de Chapéus

Maria Emilia da Fonseca, com atelier de chapéus para senhora e creança, na Rua da República, 91, convida todas as suas Ex.<sup>mas</sup> clientes e damas em geral, a visitarem a exposição que realiza nos próximos dias 5 e 6 de Maio, para inauguração da época de verão. Além dum variado sortido em *modélos parisienses* para senhora e creança, exporá uma linda e numerosa coleção de fino gôsto, que venderá ao Preço de reclame... 45\$00.

trial de barbearia e tia dos nossos correligionários srs. Joaquim F. Guimarães, empregado da Escola Industrial e Victor Pastor, negociante, e ainda, adoptiva, da esposa do nosso amigo snr. Manuel Joaquim Rebelo da Cruz, estimado official do exército em Braga.

Era uma boa creatura que faz falta aos seus.

A' familia enlutada, e especialmente áqueles nossos amigos, apresenta «A Velha Guarda» a expressão sincera da mais viva condolência.

De "O Povo."

Falecimento

Na sua casa da Rua de D. João 1.º, desta cidade, faleceu, no dia 22 do corrente, pelas 21 horas, a sr.ª D. Antónia Emilia Fernandes, de 76 anos, proprietária. A finada era esposa do nosso amigo snr. António José da Silva, indus-

Contando impressões O crime macábro

O seu epílogo

Amigo:

Da minha visita a essa nobre e histórica cidade, colhi impressões deveras agradáveis, pois admirei o que a Natureza encerra de mais belo, e o que a Arte contém de mais útil e de mais interessante. E' essa uma Terra, excepcionalmente admirável, e todos os que a visitam devem — como eu — ficar com as mais gratas recordações.

Em Guimarães, tudo é digno de contemplação — desde as suas reliquias e os seus monumentos históricos até as suas belas e atraentes paisagens. E' um conjunto harmónico de maravilhas, que difficilmente se encontra em qualquer outra Terra do nosso lindo e pitoresco Portugal. Fiquei, pois, encantado, meu caro amigo, com tudo o que admirei e presenciei, mas deixa-me dizer-te que alguma coisa me ficou também de desagradável, quando deparei com a construção — principiada — dum majestoso edificio — o dos novos Paços do Concelho, onde me demorei por algum tempo a olhar com toda a atenção para aquele casarão — artístico e imponente, símbolo do progresso dessa Terra. Notei, porém, que havia ali um silêncio profundo — o silencio do abandono, pois a sua continuação fóra interrompida.

Procurando saber o motivo desta medida, fiquei surpreendido quando me contaram certas coisas, que — com vergonha — me absteenho de te dizer, porque naturalmente teria de comprometer alguém... O que é certo, é que a paralisação daquelas obras representa o quanto há de mais extraordinário, porque além de contrariar a vontade duma grande maioria dos Vimaraneses — segundo o que aí me contaram — é uma agravante, da «Crise de trabalho» — que hoje mais do que nunca, está a merecer a atenção de todos — *Governantes e Governados*. E por hoje, meu amigo, nada mais te conto, mas continuarei no próximo numero.

Um abraço do teu ded.º

S.

Abril, de 1929.

EDITAL

Doutor Antonio Coelho da Mota Prego, Administrador do concelho de Guimarães:

Faz saber que, para os devidos efeitos e para o cumprimento do art.º 8 do Decreto n.º 8.364 de 25 de Agosto de 1922, a esta secção administrativa da Câmara, baixou o edital da Circunscrição Industrial, que é do teor seguinte:

Eu, José dos Santos Salvador Viegas, Engenheiro-Chefe da 1.ª Circunscrição Industrial:

Faço saber que Joaquim Ribeiro de Moura pretende licença para estabelecer uma fábrica mecânica de cutelaria, forjas, serralharia, niquelagem e moagem no local de Pisca, freguesia de Creixomil, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte com terrenos do Dr. Alberto Rodrigues Ferreira da Silva, sul com caminho para o Rio Selho, nascente com terrenos de Alberto Pimenta Machado e poente com Estrada n.º 31.

E como o referido estabelecimento industrial se acha com-

preendido na tabela 1 anexa ao regulamento das indústrias insalubres, incomodas, perigosas ou tóxicas, aprovado pelo decreto n.º 8.364, de 25 de Agosto de 1922, sendo um estabelecimento de 2.ª classe com os inconvenientes de barulho, trepidação, fumo, emanções nocivas, inquinação das aguas e poeira são, por isso e em conformidade com as disposições do mesmo decreto, convidadas todas as pessoas interessadas a apresentar, por escrito, na 1.ª Circunscrição Industrial, com sede no Porto, rua Sá da Bandeira, n.º 142 — 2.º, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida, no prazo de 30 dias, contados da data da publicação deste edital podendo na mesma Repartição ser examinados os desenhos e mais documentos juntos ao processo.

Porto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, 30 de Março de 1929.

O Engenheiro-Chefe,

J. Salvador Viegas.

E' quanto se contem no referido edital.

Guimarães, 22 de Abril de 1929.

Eu, José Fernandes Ribeiro Gomes, Chefe da secção administrativa, o escrevi.

O Administrador do Concelho,

António Coelho da Mota Prego.

Orfeão de Fafe

Ainda a visita a esta cidade deste excelente grupo coral

No passado domingo, tivemos a honra de receber nesta cidade, a visita deste distinto grupo coral e seu corpo scénico, dirigidos, aquele, pelo maestro snr. capitão Joaquim Antonio de Moraes e, este, pelo snr. Antonio Viana de Vilas-Boas.

Eram 15 horas, quando chegaram á estação do caminho de ferro, onde eram aguardados pela Associação de Classe dos Empregados do Comercio, largamente representada, associações de classe e seus estandartes, banda dos Bombeiros e bastánte povo. Depois dos cumprimentos do estilo, poz-se o cortejo em marcha até á sede da Associação dos Empregados do Comercio onde, lhe foram dadas as boas vindas, a cuja sessão presidiu o seu illustre presidente sr. Manuel Fernandes Oliveira Castro, convidando a seguir para assumir o seu lugar o distincto clinico e presidente do Orfeão snr. dr. José Maria de Campos Soares, secretariado pelos srs. Antonio José Ferreira e regente do referido Orfeão. Depois de terminada a sessão, onde os discursos foram inumeros e de muita confraternisação, os orfeonistas adevidaram-se visitando os principais monumentos e a cidade.

Ao fim da tarde procedeu-se ao jantar no Hotel Paulino, reinando a maior animação.

Pelas 22 horas, no nosso Teatro, realizou-se o sarau e espectáculo anunciado, decorrendo tudo na melhor ordem, e sendo, orfeonistas e grupo scenico muito vitoriosos e apiadidos. Temos a certeza de que, de Guimarães, levaram as melhores impressões e deferencias, e, pena é, que o nosso Orfeão tivesse acabado tão prematuramente, para lhe ser paga a visita que com tanta distincção nos honraram.

\*

A Associação dos Empregados do Comercio de Guimarães, ofereceu uma fita de sêda para o estandarte do Orfeão, gentilêsa que este agradeceu, retribuindo.

ATELIER DE CHAPEUS

PARA SENHORA E CREANÇA RUA DE S. DAMASO, 89-GUIMARÃES

Maria do Ceu Mendes Silva, participa ás suas Ex.<sup>mas</sup> clientes e damas em geral, que faz a sua exposição de chapéus para a estação de verão, nos próximos dias 5 e 6 de Maio, e terá o máximo prazer em lhes apresentar um lindo e variado sortido em chapéus de palha tais como: renda, manilha, bencoque, etc. e um lindo sortido em cortes de sêda para vestidos e lenços, desde 35\$00. Pede o favor de fazer uma visita, para se certificarem de que economizam dinheiro comprando na sua casa.

Passeio Recreativo

Um grupo de rapazes vimaranenses, ansiosos por conhecerem as belezas do nosso lindo Portugal, resolveram promover na próxima época calmosa, varias excursões a algumas das mais pitorescas regiões do nosso país; a primeira realisa-se a 12 de Maio, ao Alto Minho, na excelente camionete da «Auto Vimaranes».

Parabens aos promotores de tão proveitosa lembrança.

Este numero foi visado pela Comissão de Censura